

**INÊS TEIXEIRA PINHEIRO**

**A  
ILUSÃO  
QUE AMEI**

**Singular**

*Aos meus amigos e a todas as Leonores,*

## Prólogo

Antes de sair desta casa, pela última vez, pouso uma carta, as minhas chaves e o livro cor-de-rosa naquela que foi, durante seis meses, a nossa cama.

Nesta carta, despeço-me dele e daquilo que fomos. Escrevi-a ontem à noite, enquanto chorava o que mais parecia ser um oceano, e assinei-a com o nome carinhoso que ele me chamava – Nô.

Não se deixem enganar, eu odeio-o. Aliás, não só o odeio como tenho a certeza de que deixá-lo é a única decisão que pode salvar a minha vida. Só assim não aparecerei a boiar no rio, como brinca o meu amigo Manel. Mesmo assim, o meu lado racional sabia que eu precisava de partilhar umas últimas palavras com ele relativas unicamente à nossa relação, e não às dinâmicas de partilhas.

A partir deste momento, vou chorar o luto da nossa relação apenas mais uma vez, mas lá chegaremos.

Podem estar a questionar-se sobre a razão pela qual decidi fazer o exercício doloroso de reviver tudo e de o retratar num livro. A verdade é que, a partir do momento em que saí daquela que foi a nossa casa, decorada única

e exclusivamente com móveis que comprámos juntos, tentei genuinamente esquecê-lo: não falámos mais; não soube mais nada dele; não o procurei novamente e evitei, inclusive, lembrar-me da sua pessoa.

No entanto, decorrido mais de um ano, ele continua a assombrar os meus dias e as minhas noites. Por vezes, vejo-o nalgum sítio e sinto logo o sangue a ferver e o corpo a ficar dormente. *Como é que ele me encontrou?* Só depois é que percebo que se trata apenas de um homem desconhecido. Já de noite, acordo inúmeras vezes a chorar, aterrorizada por sonhos em que ele me persegue novamente. Entendi, então, que precisávamos de um final.

Já vivi vários amores – nalguns, passaram-se anos e ainda quase dói estar afastada da pessoa; noutras, já não sentia nada antes mesmo de termos a «conversa final». No entanto, a única coisa que senti no fim desta relação foi um estado de total apatia. Ora, depois de muito refletir sobre o que me estaria a impedir de sentir o que fosse, conheci também o motivo que não me deixava prosseguir com a minha vida.

Se tivesse de caracterizar a nossa relação numa única palavra, seria «intensa». Isto, porque nunca tive uma experiência amena com ele ao longo destes anos. Às vezes, era intenso o quão feliz e em casa me sentia; noutras, era intensa a vontade que tinha de arrancar a pele do meu próprio corpo, para não ter mais de viver comigo mesma. Ele fez-me sentir de tudo, desde a mulher mais sortuda do mundo à maior merda que habitou a Terra. É assim que ele é – intenso. E foi assim que vivi durante dois anos – intensamente.

A minha amiga Chiara jura que o ato *per si* de acabar uma relação não a termina realmente; ela crê que existe um passo seguinte, que, para ela, se materializa no «sexo final», mas eu não podia discordar mais. Sexo é tudo o que não está confuso no fim de uma relação: ou a pessoa perde o encanto aos nossos olhos, ou há uma tesão nostálgica que surge e nos cola a essa pessoa, fazendo-nos sentir que precisamos dela. Não. Encontrar esta paz não tem que ver com sexo. Muito pelo contrário, é um processo emocional – é a aceitação final de que os sentimentos positivos e negativos que aquela pessoa nos proporcionou vão deixar de ser novidade. É aceitar que não vai haver mais discussões, mais surpresas, mais sorrisos, mais abraços de consolo. Nada. O que vai restar, ao invés, são as memórias do que a pessoa foi para ti um dia.

E, nesse sentido, eu ainda não atingi o final, uma vez que mergulhei numa anestesia, com raras exceções, no segundo em que decidi pôr termo à nossa vida em casal, o que é raríssimo para uma pessoa tão emocional como eu.

O pior que ele conseguiu fazer foi transformar-me nele; numa versão feminina e mais sensível da sua pessoa. Assim, dei por mim a sentir o que ele sentia, a pensar como ele pensava, a agir como ele agia. Durante meses, converti-me nele e, quando deixei de permitir que tivesse esse ascendente sobre mim, demorei bastante tempo a encontrar-me. Sendo honesta, ainda sinto que certas partes de mim estão perdidas por esse mundo fora.

É precisamente esse o problema de correr o mundo com alguém ao nosso lado – inevitavelmente, em qualquer sítio por onde passamos, somos recordados do que foi viver

aquela relação. Ou seja, fugir não é uma opção, porque as memórias do que nós fomos persistem por toda a parte.

Quando cessaram os maus-tratos e os momentos de agonia, ficou a memória do que foi vivê-los, acompanhada de um trauma imenso. Há que lamber as feridas! Assim, neste ato de amor próprio, urge aceitar o que vivi com ele, e, para isso, seria importante conseguir lembrar-me do que foi viver não só com, mas para ele. Por outras palavras, se quero ser capaz de racionalizar a nossa história, tenho de a saber contar.

O problema é que não me é possível visualizar essa história, devido a um nevoeiro de confusão que paira sobre ela. A nossa história tem um princípio, um meio e um fim, como todas, aliás. No entanto, quando a recordo, não consigo perceber onde encaixar cada sentimento em cada momento e em cada dia.

Para além de um elenco temporal, dizem que cada história tem duas versões. Não se trata de uma ser certa e outra errada, mas sim de ser contada do ponto de vista de cada interveniente. No entanto, a nossa não tem apenas estas versões. Acredito que haja aquilo a que ele chame de «o seu lado da história» ou, conhecendo-o demasiado bem, a Verdade, e, do meu lado, existem milhares de versões de tudo o que aconteceu entre nós.

Foi a herança da nossa relação: a incerteza. Incerteza do que fui, de quem sou, de como agi, de como amei, de como era amada, do meu valor, da minha inteligência, do meu amor próprio, do que deveria ter percebido mais cedo.

Por esse motivo, aqui me encontro – uma explosão de sentimentos e opiniões num só corpo de metro e meio

a tentar viver cada dia, à medida que processo todos os momentos que passei com ele. Decidi deixá-lo aqui por escrito, para me obrigar a lidar com tudo o que aconteceu – o perfeito e o terrível, o assustador, o nervoso, o exaustivo.

Este ato torturante de reviver o que ele me fez vai atormentar o silêncio que tenho criado dentro de mim. Vai acabar este vácuo emocional que criei para compensar a intensidade de emoções que me fez sentir, porque aceitei que preciso de lidar com o passado, para que volte a funcionar tudo dentro de mim. Quero voltar a ser uma pessoa que se permite apaixonar e que consegue dormir sem ser assombrada por ele. Quero voltar a ser uma pessoa profundamente livre, que acredita merecer ser feliz.

Talvez escrever a minha breve vida com ele vá fazer-me não só recordar momentos que a minha mente decidiu apagar, como também iluminar os sentimentos que cada um me despertou. Afinal de contas, dizem que a nossa mente guarda e regista tudo, ainda que não nos consigamos lembrar, porque o trauma foi tão profundo que a adormeceu por alguns meses ou, por vezes, anos.

Sei que me vai custar reviver a nossa relação, porque, durante instantes, terei de voltar a cada sítio onde ele me deu vontade de desaparecer. No entanto, não posso continuar a fugir.

Enfim.

Bem-vindos à minha catarse.

Sejam eles quando forem, estes foram os meus dias com ele.



I

O início do (meu) fim

## Coincidências

Terminada a custosa licenciatura em Direito, decido ir de férias com duas amigas que fiz durante o curso – a Isabel e a Benedita. Combinar viagens com amigos consiste num longo processo de mediação, no qual sete dias num *resort* no México se transformam num fim de semana prolongado num *boutique* hotel em Baiona.

No primeiro dia do nosso *hot girl summer*, vamos para as ilhas Cíes, que mais parecem um deserto ventoso. Não obstante, estamos decididas a aproveitar as férias, mesmo sem as melhores condições climatéricas. Enquanto a Benedita está fer-rada a dormir, rodeada de para-ventos, eu nado livremente com a Isabel na zona de rebentação, como se fôssemos duas crianças.

A minha ansiedade social nunca me permitiu aproveitar a cem por cento cada momento, motivo pelo qual sinto a necessidade de olhar à minha volta de quando em vez. De repente, vejo-o.

– Porque é que estás a olhar para aquele gajo? É alguém que conheces?

– É superparecido com um rapaz que conheço. Aliás, que eu e a Benedita conhecemos. Queria confirmar com ela, mas deve estar num sono profundo.

– Nem sequer a conseguimos ver daqui! Parece que está dentro de um forte.

– Pois.

– Porque não vais meter conversa com ele? Parece fazer o teu género.

– Estás a confundir a minha coragem com a tua, Isa!

Nessa noite, mal publico uma história no Instagram em que se veem as minhas amigas a caminhar junto ao porto de Baiona, cada uma com um gelado na mão, recebo uma mensagem instantânea a dizer:

«Aposto que foram aos Xeados Gamela.»

«Como é que sabes?»

«Porque ainda hoje lá fui.»

– Oh, meu Deus, Isabel! Nem vais acreditar!

– No quê?

– Espera aí.

«Estiveste nas ilhas Cíes de tarde?»

«Sim. Como é que sabes?»

«Eu vi-te!»

«E nem me vieste cumprimentar?»

– Era ele, Isa!

– Ele quem? – pergunta, confusa, a Benedita.

– Lembras-te daquele rapaz que tirou Gestão na nossa universidade e que estava naquela conferência na Páscoa, em representação da Jota?

– O giro? Sim! Ele está cá?

– Está!

«Só agora é que liguei as peças! Vi-te, mas não te cumprimentei, porque não tinha a certeza de que eras tu. Que coincidência!»

«Por acaso queria falar contigo, mas agora não me dá jeito, porque estou num jantar.»

«Comigo? Sobre quê?»

«Depois vês.»

«OK. Podes ligar-me depois desse jantar, então.»

«Combinado.»

É uma da manhã quando caminho descalça na tapete azul e sussurro ao telemóvel. As minhas amigas desistiram de esperar acordadas por mim e estão já deitadas no quarto, pelo que apenas me restou percorrer o corredor do hotel. Surpreendentemente, estou há horas ao telemóvel com alguém que nunca fora mais do que um conhecido, mas o assunto entre nós não parece acabar.

A chamada começou num tom político, com ele a perguntar-me se queria o seu apoio para me tornar a futura presidente da associação da qual eu e a Benedita fazemos parte, apoio que recusei, mas, entretanto, já tocámos nos mais variados assuntos.

– Mas, espera lá! Explica-me porquê o interesse súbito em mim – questionei.

– Desculpa! A verdade é que não te conhecia e o *feedback* que tive sobre ti era negativo.

– Define negativo.

– Disseram-me que não eras de confiança.

– Ah, sim? E então, se acreditaste nessas pessoas, o que te fez mudar de ideias agora?

– Eu não te conhecia, OK? As únicas coisas que conhecia sobre ti eram as fotografias que publicavas em festas, logo, não podia ter a melhor ideia. Entretanto, vi-te a crescer no

associativismo e fiquei cada vez mais arrependido de ter acreditado naquelas coisas!

A sua estadia espanhola havia terminado naquele dia, pelo que não o tornei a ver. No entanto, depois da chamada, o meu telemóvel não voltou a ficar mais de uma hora sem receber notícias suas.

## Uma vista para o Douro

Os eventos que tiveram lugar nesta noite não dão início a um sono profundo, tampouco a uma queda numa ilusão, mas sim a uma decisão (e espero não estar a ser demasiado dura comigo mesma ao dizê-lo). Durante este relato, vão identificar *red flags* por todo o lado, e estão enganados se pensam que não as vi. Pelo contrário, eu tinha consciência daquilo em que me estava a meter e decidi ignorar todos os impulsos que senti para fugir. Silenciei a minha intuição uma e outra vez. Permaneci e permaneci, dia após dia, naquela relação.

A questão que me tenho colocado, e à qual ainda não consigo responder, é: porquê?

Depois de semanas a conversar por mensagens e chamadas, decidimos encontrar-nos no Miradouro de Santa Catarina, no Porto. Não se trata de um encontro às cegas, já nos tínhamos cruzado várias vezes. No entanto, esta é a primeira vez que estamos juntos num contexto diferente, e ambos o sabemos.

Recém-chegada do Algarve com a minha família, desfaço a mala, enfio-me no banho e, dez minutos depois,

estou pronta para o nosso encontro. Uso uns calções curtos que favorecem as minhas pernas bronzeadas e uma blusa preta larga. No entanto, momentos depois, ao contrário do que me é costume, encontro-me terrivelmente atrasada, não por minha causa, mas porque a aplicação da Uber deixou de funcionar. Já o avisei do sucedido e ele, em resposta, ameaçou ir embora diversas vezes.

Uma notificação vem anunciar, enquanto espero pelo trigésimo Uber, que obtive dezassete valores a Metodologia do Direito, dando por terminado, finalmente, o meu curso!

Quando chego ao largo, saio do Uber apressadamente, em direção ao seu carro preto com manchas brancas junto aos faróis, que vou em breve apelidar de *Pinguim*, e aceno-lhe para que saia do veículo. Surpreendentemente, recebo em troca um olhar duro e um gesto ríspido que me informa que aguarde uns momentos. Confusa, afasto-me e sento-me no muro à sua frente a fumar. Ele demora algum tempo a sair do carro e, quando o faz, vejo que traz vestido um polo verde-água demasiado justo que não o favorece. De seguida, caminha até mim com uma postura tão assertiva, que parece ter como objetivo roubar o ar ao meu redor.

Nas nossas conversas telefónicas, ficaram por contar várias histórias hilariantes sobre bebedeiras passadas com o meu grupo de amigos que mal posso esperar por partilhar. São verdadeiros enredos de comédia, que precisam de ser bem entregues. Começo, então, a revelar os episódios, um por um, até que ele me interrompe.

– Com toda a honestidade, acho que já ouvi o suficiente.  
– Como assim? Interrompeste a melhor história!  
– Faz-me confusão saber que és dessas pessoas que passa a vida bêbeda a fazer figuras tristes.

– Calma, não sou alcoólica, mas toda a gente teve a sua idade de fazer estupidezes!

– Eu não.

– Não?

– Nunca gostei de ser vulgar.

– E que mal tem ser vulgar?

– Não gosto de ir onde todos vão, nem de fazer o que todos fazem. Se queres atingir uma meta que ninguém atingiu, não podes ir pelo mesmo caminho. É assim que penso.

– Percebo onde queres chegar, mas nesse processo não há espaço para diversão?

– Há, mas controlada. Eu viajo, faço desporto, vejo séries e janto com amigos. Só não me embebedo e frequento discotecas, porque só as pessoas que não valem a pena o fazem.

– Pessoas que não valem a pena?

– Sim, e, sinceramente, achei que serias diferente. Não sabia que eras vulgar. Pior, que tinhas orgulho em sê-lo.

Sem saber por onde começar a minha refutação, não dou por ele a agarrar-me o maço e a escondê-lo no seu bolso das calças.

– Já fumaste o suficiente, não achas?

– Não, não acho.

– Eu ajudo-te! Quando quiseres fumar, pedes-me o maço. Assim tens mais noção da quantidade de cigarros que fumas.

– Não, obrigada. Eu gosto de fumar.

– Talvez seja esse o teu problema, a falta de vontade.



Não tenho confiança com ele para lhe tirar o maço do bolso das calças, então decido pedir com jeitinho que o devolva.

– Não.

– Anda lá! O maço é meu!

– Vem cá buscá-lo.

E assim, vejo-me obrigada a sair do muro, antecipando uma queda vergonhosa. Quando me vê preocupada com a descida, aproxima-se e pergunta-me se preciso de ajuda.

– Digamos que, devido ao meu metro e meio, esta descida parece-me um salto olímpico.

Ele ri-se e decide pegar-me ao colo para me ajudar até ao chão. Primeiro, avança devagar e encosta-se a mim, talvez demasiado. De seguida, agarra-me na cintura e eleva-me lentamente. No processo, entreolhamo-nos e sinto o tempo parar. Quando percebo que fiquei com o ar preso na garganta, sinto uma necessidade imensa de respirar fundo. Ele poussa-me em terra, ao mesmo tempo que se ri da minha reação e finge não ter sido também afetado pela nossa aproximação.

Ansiosa para perceber se existe aqui uma possibilidade para termos algo mais, peço-lhe um abraço. Neste gesto confortável, em que eu me entrego e ele me embala, ergo a cabeça e encaro-o. Quando começo a sentir um formiguelo nas pernas, sorrio e ponho-me em bicos dos pés, decidida a ser eu a dar o primeiro passo. Sem evitar esboçar um sorriso nervoso, ele aproxima-se, sem nunca parar de me encarar, e, finalmente, damos um beijo demasiado molhado, mas não necessariamente mau, durante o qual as suas mãos viajam entre a minha cara e o meu cabelo...

- Estás a tremer de frio, Leonor.
- É esta a parte em que me ofereces a tua camisola?
- Não tenho nenhuma camisola. Eu nunca tenho frio.
- Previsível.
- Vá, vamos para o carro.

Seguem-se horas de beijos e amassos até que, ao nascer do sol, decidimos que o melhor é cada um ir dormir para a sua cama.

Nesta mixórdia de acontecimentos, dissipa-se da minha memória que me licenciiei.

Talvez tenha sido o seu charme que me venceu; talvez tenha sido a química que senti entre nós; talvez eu achasse que merecia ser assim tratada; talvez gostasse do desafio de ter alguém incomplacente ao meu lado ou talvez acreditasse que o ia conseguir mudar. O que é factual é que, nesse dia, entrei a pés juntos nesta relação e, quando dela consegui sair, era uma pessoa totalmente diferente, que já não reconhecia o seu próprio reflexo no espelho.